

Metáforas históricas e  
realidades míticas

Coleção  
ANTROPOLOGIA SOCIAL  
diretor: Gilberto Velho

- **O Riso e o Risível**  
Verena Alberti
- **Outsiders**  
Howard S. Becker
- **Antropologia Cultural**  
Franz Boas
- **O Espírito Militar**
- **Evolucionismo Cultural**
- **Os Militares e a República**  
Celso Castro
- **Da Vida Nervosa**  
Luiz Fernando Duarte
- **Bruxaria, Oráculos e Magia  
entre os Azande**  
E.E. Evans-Pritchard
- **Garotas de Programa**  
Maria Dulce Gaspar
- **Nova Luz sobre  
a Antropologia**
- **Observando o Islã**  
Clifford Geertz
- **O Cotidiano da Política**  
Karina Kuschnir
- **Cultura: um Conceito  
Antropológico**  
Roque de Barros Laraia
- **Autoridade & Afeto**  
Myriam Lins de Barros
- **Guerra de Orixá**  
Yvonne Maggie
- **De Olho na Rua**  
Julia O'Donnell
- **A Teoria Viva**  
Mariza Peirano
- **Cultura e Razão Prática**
- **História e Cultura**
- **Ilhas de História**
- **Metáforas Históricas e  
Relidades Míticas**  
Marshall Sahlins
- **Os Mandarins Milagrosos**  
Elizabeth Travassos
- **Antropologia Urbana**
- **Desvio e Divergência**
- **Individualismo e Cultura**
- **Projeto e Metamorfose**
- **Rio de Janeiro: Cultura,  
Política e Conflito**
- **Subjetividade e Sociedade**
- **A Utopia Urbana**  
Gilberto Velho
- **Pesquisas Urbanas**  
Gilberto Velho e  
Karina Kuschnir
- **O Mistério do Samba**
- **O Mundo Funk Carioca**  
Hermano Vianna
- **Bezerra da Silva:  
Produto do Morro**  
Letícia Vianna
- **O Mundo da Astrologia**  
Luís Rodolfo Vilhena
- **Sociedade de Esquina**  
William Foote Whyte

Marshall Sahlins

# Metáforas históricas e realidades míticas

Estrutura nos primórdios da história  
do reino das ilhas Sandwich

*Tradução e apresentação:*  
Fraya Frehse



**ZAHAR**

Jorge Zahar Editor

Rio de Janeiro

Título original:  
*Historical Metaphors and Mythical Realities*  
(*Structure in the Early History of the Sandwich Islands Kingdom*)

Tradução autorizada da edição norte-americana  
publicada em 2004 por The University of Michigan Press,  
de Ann Arbor, EUA

Copyright © 1981, The Association for Social Anthropology in Oceania

Copyright da edição em língua portuguesa © 2008:  
Jorge Zahar Editor Ltda.  
rua México 31 sobreloja  
20031-144 Rio de Janeiro, RJ  
tel.: (21) 2108-0808 / fax: (21) 2108-0800  
e-mail: jze@zahar.com.br  
site: www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.

A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo  
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Capa: Sérgio Campante

Ilustração da capa: James Cook, Nathaniel Dance, 1775

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

---

S138m Sahlins, Marshall David, 1930-  
Metáforas históricas e realidades míticas: estrutura nos primórdios da  
história do reino das Ilhas Sandwich / Marshall Sahlins; tradução e apresen-  
tação, Fraya Frehse. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.  
il. - (Antropologia social)

Tradução de: *Historical methaphors and mytical realities: (structure in  
the early history of the Sandwich Islands kingdom)*  
Inclui bibliografia  
ISBN 978-85-378-0097-3

1. Cook, James, 1728-1779 – Viagens – Havaí (Estados Unidos). 2. Havaianos  
– Usos e costumes. 3. Havaianos – Religião. 4. Aculturação – Havaí (Estados  
Unidos). 5. Antropologia estrutural – Havaí (Estados Unidos). 6. Havaí  
(Estados Unidos) – Descobertas geográficas inglesas. I. Título. II. Título:  
Estruturas nos primórdios da história do reino das Ilhas Sandwich. III. Série.

08-3140.

CDD: 996.9  
CDU: 94(739.9)

---

# Sumário

## Apresentação à edição brasileira:

De antropologia, história e também teoria social,  
por Fraya Frehse, 9

## Prefácio, 17

## Introdução: história e teoria estrutural, 19

Sincronia/diacronia e *langue/parole*, 19

Estrutura *versus* práxis no tempo histórico, 22

## 1 Reprodução: estruturas de longa duração, 29

Deuses de Kahiki, 29

A história como mito, epopéia e relato de viagem cósmico, 36

O capitão Cook como Lono: realidades míticas e metáforas históricas, 44

A morte e a apropriação do deus, 52

Chefes e europeus, ou a história ulterior da culinária, 62

## 2 Transformação: estrutura e prática, 69

Incidente em Kauai: reavaliação funcional, 69

O intercâmbio de categorias culturais: homens, mulheres e chefes, 76

O comércio do chefe e os tabus do chefe, 86

Transgressões pragmáticas e efeitos funcionais, 91

Tabu em transformação, 100

Os afins do rei e a crise final do sistema de tabu, 105

A “nova” ordem, 120

**Conclusão: estrutura na história, 125**

Interesse e valor, 127

A transformação de valores conceituais, 130

**Notas, 135**

**Referências bibliográficas, 151**

Meu livro se dedica a explorar a história de  
uma estrutura e a estrutura de uma história...

PAUL FRIEDRICH, *Aphrodite*, 1978

Não são os estruturalistas que colocam  
as estruturas na história...

JEAN POUILLON, *Les Temps Modernes*, 1966

## Apresentação à edição brasileira: De antropologia, história e também teoria social

FRAYA FREHSE

De que maneira a antropologia pode contribuir positivamente para o estudo da história? Como, por outro lado, o estudo da história pode enriquecer a antropologia? Se essa dupla problemática é antiga na história da disciplina antropológica – presente já nas reflexões de Franz Boas sobre a utilidade do “método histórico” para o estudo das culturas,<sup>1</sup> mas também, no século XX, em escritos de Claude Lévi-Strauss e de Edward E. Evans-Pritchard<sup>2</sup> –, é com este *Metáforas históricas e realidades míticas*, publicado pela primeira vez pelo antropólogo norte-americano Marshall Sahlins (1930) em 1981 e agora traduzido para o português, que ela adquire uma até então inédita densidade etnográfica. Porém o livro não se restringe a uma etnografia do contato entre havaianos e britânicos depois da “descoberta” do Havaí pelo capitão Cook e sua tripulação, em finais do século XVIII. Os achados empíricos são instantaneamente repassados à teoria, servindo de subsídio para um equacionamento teórico-metodológico também até então inédito, na antropologia, das potencialidades da antropologia para a história e vice-versa.

Desde então, início dos anos 1980, evidentemente muita coisa se fez na disciplina – e também na história e na sociologia – em relação a esse assunto. E com a participação ativa do próprio Sahlins, como o leitor de língua portuguesa tem podido acompanhar desde 1990.<sup>3</sup>

Cabe aqui ressaltar que essa contribuição posterior do antropólogo teve início justamente com as formulações teórico-metodológicas apresentadas em *Metáforas históricas e realidades míticas*, que o leitor enfim tem como conhecer em língua portuguesa. A publicação figura na bibliografia desse professor emérito em antropologia e ciências sociais da Universidade de Chicago como seu primeiro livro exclusivamente dedicado à temática das relações entre cultura e história, estrutura e prática.<sup>4</sup>

Versão ampliada de uma conferência honorária de mesmo título, proferida num congresso da Association for Social Anthropology in Oceania realizado na Flórida, em 1979, na época o livro foi imaginado por Sahlins como “uma etapa num projeto mais amplo de pesquisa e publicação” de uma trilogia sobre “o deus agonizante ou a história das ilhas Sandwich como cultura”. No entanto, *Metáforas históricas e realidades míticas* permanece até hoje a única monografia do autor sobre a matéria.

À primeira vista, o livro pode parecer singelo, com suas menos de cem páginas que abrigam, além de uma breve introdução e conclusão teóricas, dois capítulos perpassados eminentemente pela análise de dados etnográficos contidos em fontes históricas variadas relativas aos primeiros tempos do contato anglo-havaiano nas ilhas Sandwich dos Setecentos e início dos Oitocentos (diários de viagem e de bordo de marinheiros britânicos, crônicas e relatos memorialísticos e historiográficos locais). A aparente simplicidade oculta, contudo, uma trama teórica e metodológica complexa que, tendo como base a formação marxista anterior do autor, é tecida a partir de uma interlocução privilegiada com o estruturalismo.

Tal visada não surpreende quando se leva em conta que Sahlins chega à década de 1980 após toda uma trajetória de diálogo com o materialismo histórico e o estruturalismo.<sup>5</sup> O surpreendente – e ousado – naquele momento era que o autor

se propunha pensar a história *a partir do* estruturalismo numa época em que este era bastante criticado pela suposta impossibilidade teórica de enfrentar o evento, a ação. Essa é uma perspectiva que teria levado Sahlins a se definir como “estruturalista histórico”<sup>6</sup> e que, sistematizada pela primeira vez em *Metáforas históricas e realidades míticas*, lhe assegura um lugar *sui generis* na antropologia norte-americana de então.

De fato, naquele início de década, o debate “fervia” em torno das então recentes proposições de Clifford Geertz em favor de uma antropologia concentrada especificamente em interpretar significados da vida social, assumindo a cultura como culturas, estruturas de significados socialmente construídos.<sup>7</sup> Este livro de Sahlins se insere na discussão com uma proposta peculiar, estrutural-histórica, de desenvolvimento da abordagem simbólica.<sup>8</sup> *Metáforas históricas e realidades míticas* busca refletir sobre o que acontece com essa estrutura de signos que é a cultura em meio ao fato inelutável de que as pessoas que deles lançam mão vivem “no mundo”. Este é movido por conjunturas que acarretam ações sociais, que, por sua vez, inevitavelmente colocam as relações entre esses signos em xeque. Em outras palavras: se a cultura é mediação crucial da prática, a simples existência da prática é, em contrapartida, mediação de mudanças na cultura. O que a antropologia tem a dizer sobre essas mudanças e sua dinâmica?

O fato de Sahlins enfrentar essa problemática com base numa reconstrução interpretativa própria da história do contato entre europeus e havaianos no Havai de finais do século XVIII e início do XIX garante-lhe um papel *sui generis* também na historiografia havaiana de então. Tendo realizado trabalho de campo no Havai e nas ilhas Fiji ao longo das décadas de 1950 e 1960, o autor estava a par dos desenvolvimentos então mais recentes da historiografia local, pós-colonial, concentrada em trazer para

o primeiro plano o ponto de vista dos nativos.<sup>9</sup> A abordagem sahlinsiana engrossa esse coro – aliás, correndo o risco, como se apontou mais tarde, de uma parcialidade problemática.<sup>10</sup>

É importante ressaltar, no entanto, que o autor adentra a discussão historiográfica pós-colonial de forma muito particular, através daquilo que ele posteriormente chamaria de “etnografia histórica”.<sup>11</sup> Esta perpassa sobretudo os dois capítulos de caráter mais empírico do livro. Com efeito, cada um deles reserva para o leitor aquilo que, para Geertz, caracteriza a etnografia: uma “descrição densa”.<sup>12</sup> Num primeiro momento (Capítulo 1), o leitor é defrontado com a mitologia havaiana setecentista, e, à medida que a leitura avança – e se aprofunda a densidade da análise –, com o lugar que essa mesma mitologia reservava para a vida e a morte do capitão Cook. Esses dois são “incidentes” que constituem, eis a hipótese, “metáforas históricas de uma realidade mítica”. Em termos teóricos, a interpretação do material corrobora que a estrutura se *reproduz* pela mediação da história.

Num segundo momento (Capítulo 2), outra descrição densa, só que agora em relação à tese de que, ao mesmo tempo – e, portanto, dialeticamente –, a estrutura se *transforma* pela mediação da história. O leitor é levado a contemplar como que em câmara lenta as mudanças de cunho sociológico por que, em face da chegada dos britânicos, passaram respectivamente as relações entre homens e mulheres havaianos; as relações desses homens e mulheres com os chefes locais; as relações no seio da nobreza havaiana, entre finais do século XVIII e primórdios do XIX. Essa dinâmica é apreendida a partir de seu vínculo muito singular com as mudanças simultâneas do sistema de tabu existente no Havaí.

Permeado por essa estrutura argumentativa em que a história é reescrita de forma peculiar, por ser etnográfica e antro-

pologicamente informada, o livro visa inserir-se ademais – e o faz explicitamente, na Introdução – em outro debate teórico: aquele que a disciplina histórica então travava internacionalmente em torno da relação entre estrutura e evento. As alusões explícitas de Sahlins às “estruturas de longa duração”, de Fernand Braudel, caminham nessa direção.<sup>13</sup> E isso embora o autor afirme, na mesma Introdução, que seu objetivo é “apenas mostrar de alguma forma que a história é organizada por estruturas de significação”. Com base na etnografia que constrói, Sahlins comprova empiricamente a pertinência da proposição de um equacionamento estrutural-dialético entre estrutura e evento, o que constitui uma novidade no cenário historiográfico internacional da época.

Vale destacar ainda que, desenvolvido em torno de tal objetivo em relação à disciplina histórica, *Metáforas históricas e realidades míticas* enriqueceu também outro debate internacional de longa duração, só que agora no interior da própria antropologia. Refiro-me à abordagem antropológica da noção de historicidade, proposta de forma pioneira por Lévi-Strauss três décadas antes.<sup>14</sup> O livro fornece um instrumental teórico-metodológico novo para o tratamento da questão através da noção de “estrutura da conjuntura”. Esta abre espaço para uma apreensão muito vívida, muito “próxima-da-experiência” (para usar mais um jargão eternizado por Geertz<sup>15</sup>), justamente como que em câmara lenta, da mudança cultural historicamente possível – e da mudança histórica culturalmente possível – em meio à prática cotidiana das pessoas “no mundo”. E eis que a história cede lugar a histórias; as histórias, a historicidades.

Cabe notar, por fim, que esses diversos aspectos tornam o livro digno de nota ainda no âmbito de um debate muito mais amplo então em curso naquele início de década de 1980, e que diz respeito não somente à antropologia ou à história, mas à

teoria social de maneira geral. Refiro-me à problemática dos vínculos entre estrutura e prática, sistema e ação. Ao introduzir em sua análise a noção de “estrutura da conjuntura”, o que Sahlins pretende é compreender aquilo que ele mesmo chama de “dinâmica” da “prática” em meio à “cultura-tal-como-constituída”. Se apenas em *Ilhas de história* a definição da categoria ficará mais precisa,<sup>16</sup> já em *Metáforas históricas e realidades míticas* o antropólogo demonstra empírica e teoricamente por que remete essa noção a uma “sociologia” que seria implícita na conjuntura. A proposta é duplamente enfática: a conjuntura possui uma estrutura, e esta se constitui de relações sociais mediadas por signos com valores distintos em função do seu papel no esquema simbólico coletivo e na prática das pessoas.

Menos que discutir aqui a pertinência ou não da formulação, gostaria de salientar que, ao argumentar nesses termos, o autor demarcava um lugar próprio da antropologia num debate que então renascia com força no âmbito da teoria social, depois de décadas de predomínio do estrutural-funcionalismo parsoniano e, posteriormente, do embate entre marxismo e interacionismo, quando os pensadores se mantiveram de certo modo contidos, teorizando sobre um dos lados da equação apenas.

Foi na década de 1970 que apareceram as primeiras reflexões dedicadas a retomar em novos termos o debate sobre os vínculos entre estrutura e prática, sistema e ação. Sahlins parece ter essas reflexões em seu horizonte teórico ao delinear, neste livro, os primeiros alicerces daquilo que mais tarde chamou de uma “fenomenologia da vida simbólica”,<sup>17</sup> uma teoria sobre a relação entre estrutura e prática pela mediação da noção de “estrutura da conjuntura”. Caso contrário, o antropólogo possivelmente não teria como um de seus interlocutores em *Metáforas históricas e realidades míticas* o Pierre Bourdieu da teoria da prática – e, em *Ilhas de história*, além do mesmo Bourdieu,

o Anthony Giddens do conceito de “dualidade de estrutura”.<sup>18</sup> Só que, em Sahlins, estamos em face de uma alternativa para o debate que tem os dois pés fincados na interface entre antropologia estrutural e história.<sup>19</sup>

Explicitadas essas conexões diversas implícitas em *Metáforas históricas e realidades míticas*, percebe-se que são muitas as possibilidades de interlocução teórico-metodológica, dentro da antropologia e fora dela, que o livro viabiliza. De alguma forma, Sahlins já em 1981 intuía essas potencialidades – e outras. Tanto é que declara, no Prefácio, que suas afirmações sobre a mudança histórica não se restringem a “condições de contato intercultural”. As interfaces se multiplicam, as fronteiras disciplinares se dissipam. E o livro deixa as ilhas do Havai para ganhar o mundo e chegar, finalmente, até os leitores de língua portuguesa.

Não há como encerrar estas linhas sem antes agradecer a algumas pessoas que foram fundamentais para a publicação destas *Metáforas históricas e realidades míticas*. Gilberto Velho acolheu incondicionalmente minha proposta de tradução e apresentação do livro em sua coleção Antropologia Social. Clarice e Cristina Zahar apoiaram o projeto em termos editoriais, sendo Angela Vianna responsável pela criteriosa revisão dos originais. A todos eles expresseo o prazer que sinto em publicar esta tradução pela editora Jorge Zahar.

*Last but not least*, sou grata a Ana Lúcia Pastore Schritzmeyer e a Samuel Titan Jr., amigos e colegas na Universidade de São Paulo, pelo estímulo e pelas sugestões à tradução.